



ENTRE A SÁTIRA E O CONFLITO: ANÁLISE DAS CHARGES DO CHARLIE HEBDO (2015-2025) E OS LIMITES DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

BETWEEN SATIRE AND CONFLICT: ANALYSIS OF CHARLIE HEBDO CARTOONS (2015-2025) AND THE LIMITS OF FREEDOM OF EXPRESSION

Deivid Mota Santana¹

 <https://orcid.org/0000-0003-2267-7146>
 <http://lattes.cnpq.br/5579714779436105>

Recebido em: 12 de junho de 2025.
Revisão final: 21 de março de 2026.
Aprovado em: 21 de março de 2026.

 <https://doi.org/10.46401/arec.2025.v17.23529>

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM-UFC), especialista em Liderança para Transformação Digital 4.0 pela Faculdade da Indústria e bacharel em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua na coordenação de processos administrativos, planejamento estratégico e gestão de equipes, com foco em inovação e transformação digital. E-mail: deividmota@hotmail.com

Resumo: Este artigo analisa charges publicadas pelo jornal satírico francês *Charlie Hebdo* no período de 2015 a 2025. A pesquisa, de natureza qualitativa, adota análise documental e revisão bibliográfica, focalizando representações sociopolíticas, controvérsias públicas e os limites éticos do humor. São discutidas as tensões entre liberdade de expressão e diversidade cultural a partir da repercussão de charges polêmicas, especialmente após o atentado de 2015. Os resultados evidenciam como o conteúdo gráfico do periódico provoca reflexão crítica, mas também levanta debates sobre os impactos sociais da sátira.

Palavras-chave: Charlie Hebdo, charges, humor, liberdade de expressão, discurso.

Abstract: This article analyzes cartoons published by the French satirical newspaper *Charlie Hebdo* between 2015 and 2025. The qualitative research employs documentary analysis and literature review, focusing on sociopolitical representations, public controversies, and the ethical boundaries of humor. It discusses the tensions between freedom of expression and cultural diversity, especially after the 2015 terrorist attack. The findings show how the newspaper's graphic content prompts critical reflection while also raising concerns about the sociocultural impact of satire.

Keywords: Charlie Hebdo, cartoons, humor, freedom of expression, discourse.

INTRODUÇÃO

O *Charlie Hebdo* é um semanário satírico francês conhecido por utilizar charges como instrumento de crítica política, social e religiosa. Fundado em 1970, o periódico construiu sua identidade editorial com base na irreverência, no humor ácido e na defesa intransigente da liberdade de expressão, tornando-se símbolo de resistência à censura. Suas publicações frequentemente abordam temas sensíveis, como religião, imigração, terrorismo, entre outros, despertando reações diversas que variam entre o apoio enfático e a indignação (Correio, 2016).

O atentado de 7 de janeiro de 2015, no qual 12 (doze) pessoas foram assassinadas por extremistas em resposta a caricaturas publicadas pelo jornal, intensificou o debate sobre os limites do humor e os riscos enfrentados por veículos de imprensa crítica. A tragédia consolidou o *Charlie Hebdo* como ícone global da liberdade de imprensa, mas também evidenciou tensões entre sátira, discurso de ódio e diversidade cultural (De Fru, 2018).

Assim, este artigo investiga a atuação do *Charlie Hebdo* por meio de charges publicadas entre 2015 e 2025, analisando como essas imagens comunicam posicionamentos políticos e produzem efeitos socioculturais. Questiona-se: até que ponto a liberdade de expressão justifica o uso da sátira quando esta pode ferir sensibilidades culturais e sociais?

O objetivo é discutir os impactos da liberdade de expressão na imprensa satírica, a partir de uma análise qualitativa baseada em revisão bibliográfica e análise documental de charges. A proposta insere-se no debate sobre o papel do humor gráfico nas sociedades democráticas contemporâneas, suas potencialidades críticas e seus limites éticos (Díaz Hernández, 2016).

O JORNAL FRANCÊS CHARLIE HEBDO

O *Charlie Hebdo* tem origem no contexto da imprensa alternativa francesa dos anos 1960. Surge como herdeiro do espírito provocador do *Hara-Kiri*, publicação fundada por François Cavanna e Georges Bernier (conhecido como Professor Choron), popular por desafiar convenções sociais e políticas por meio da sátira gráfica.

O *Hara-Kiri Hebdo* foi interditado em 1970, após publicar uma manchete irreverente sobre a morte do general Charles de Gaulle. Para driblar a censura, a equipe relançou o jornal com o nome *Charlie Hebdo*, em referência ao personagem Charlie Brown, das tiras *Peanuts*, e ao ex-presidente Charles de Gaulle. Desde então, o periódico se consolidou como uma das principais expressões da imprensa satírica europeia.

Publicando semanalmente, o *Charlie Hebdo* utiliza a charge como forma de denúncia, desconstrução de discursos e crítica mordaz a instituições políticas, religiosas e sociais. Sua linha editorial se ancora no princípio da laicidade e na tradição iluminista francesa de liberdade de crítica (Milton, 1999). Ao mesmo tempo, é alvo recorrente de processos judiciais, boicotes e manifestações, especialmente por parte de grupos religiosos e movimentos sociais que se sentem ofendidos com suas representações gráficas.

O jornal não se limita às charges: editoriais, colunas e reportagens também compõem sua estrutura, muitas vezes com linguagem provocadora e politicamente “incorreta”. Essa característica coloca o *Charlie Hebdo* em uma posição controversa; ora exaltado como bastião da liberdade de imprensa, ora criticado por promover discursos ofensivos sob o pretexto da sátira (Mill, 2011).

A análise das publicações do *Charlie Hebdo* entre 2015 e 2025 permite observar como o jornal manteve sua postura crítica mesmo após o atentado que abalou sua redação. A edição especial de 2025, intitulada “*INCREVABLE!*” (“*Indestrutível!*”), reafirma a continuidade da linha editorial combativa, marcada pela resistência e pelo humor confrontativo. Diante disso, é necessário refletir sobre os usos da sátira em contextos democráticos e os efeitos produzidos por esse tipo de comunicação (Charaudeau, 2006).

O *Charlie Hebdo*, um hebdomadário, circula tradicionalmente às quartas-feiras, com tiragem variável, geralmente entre 30 mil e 50 mil exemplares, embora edições extraordinárias tenham ultrapassado 3 milhões, como ocorreu após o atentado de 2015.

Cada edição conta com cerca de 16 a 32 páginas, organizadas em seções relativamente fixas que incluem charges, editoriais, colunas de opinião, reportagens breves e notas satíricas. A estrutura interna é deliberadamente informal e visualmente carregada, marcada por tipografia intensa, uso abundante de cores fortes, ilustrações de página inteira e ausência de publicidade comercial tradicional.

O conteúdo costuma abrir com uma charge de capa, quase sempre ligada a eventos da semana, seguida por um editorial ou texto de abertura assinado por membros da redação, como Riss (editor-chefe), Luz ou Charb (nos anos anteriores ao atentado). A partir daí, desenvolvem-se colunas como “*Journal Bête et Méchant*” (subtítulo herdado do *Hara-Kiri*), relatos de bastidores políticos, sátiras sobre a imprensa tradicional, religiões e cultura popular.

As reportagens são curtas e opinativas, quase sempre escritas em tom pessoal e irônico. Em muitas edições, há também dossiês temáticos que combinam texto e imagem para abordar assuntos como política externa, racismo, imigração ou feminismo, sob uma ótica antiautoritária e anticlerical.

O núcleo de produção do jornal é formado por um coletivo editorial fixo, com forte presença de cartunistas e jornalistas de formação humanística. Diferente da lógica de grandes redações, o *Charlie Hebdo* opera de modo colaborativo e artesanal.

O *layout* é concebido de maneira integrada com o conteúdo visual, charges e textos são pensados como formas equivalentes de discurso. A linguagem é coloquial, cáustica e propositalmente desrespeitosa com convenções formais. Essa estrutura orgânica reforça a identidade editorial do periódico: um espaço de liberdade discursiva extrema, que aposta no escândalo e no absurdo como dispositivos políticos e estéticos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O humor gráfico, em especial a charge, desempenha papel importante na crítica social e política. De caráter opinativo, a charge mescla imagem e texto para provocar reflexão por meio da sátira. Parnaíba e Gobbi (2014) destacam que esse gênero é marcado pela atualidade, pelo posicionamento ideológico e pela linguagem metafórica, muitas vezes irônica ou sarcástica.

Henri Bergson (1993), em *O Riso*, considera o cômico como um mecanismo de correção social: rimos quando observamos algo mecânico no comportamento humano, isto é, quando o sujeito age de forma automática, fora das normas da espontaneidade. Esse descompasso provoca riso, que é, por sua vez, social, exige um público e pressupõe uma certa distância emocional. Isso explica por

que determinadas charges causam indignação em públicos mais envolvidos afetivamente com o tema abordado.

Vladimir Propp (1992), em *Comicidade e Riso*, destaca o riso sarcástico como um dos mais recorrentes no humor gráfico. Esse tipo de riso se baseia na crítica e na exposição de contradições morais, sociais ou políticas. Segundo o autor, o sarcasmo é uma ferramenta para revelar desigualdades e questionar estruturas de poder.

Além das contribuições clássicas de Bergson e Propp, é relevante considerar abordagens contemporâneas que exploram a dimensão política e histórica do riso. Pierre Serna (2015), em *“La politique du rire. Satires, caricatures et blasphèmes XVIe-XXIe siècles”*, analisa como a sátira e a caricatura funcionaram, ao longo de séculos, como instrumentos de contestação do poder, mas também como armas de dominação e controle social. Sua perspectiva histórica ajuda a situar publicações como o *Charlie Hebdo* dentro de uma longa tradição francesa de imprensa satírica anticlerical e antiabsolutista, ao mesmo tempo que problematiza os usos do humor em contextos de tensão cultural.

Terry Eagleton (2019), no capítulo *“The politics of humour”* de sua obra *Humour*, argumenta que o riso nunca é politicamente neutro. Para Eagleton, o humor pode servir tanto para reforçar hierarquias e excluir grupos marginalizados quanto para subverter autoridades e questionar normas estabelecidas.

Essa dualidade é central para entender as reações polarizadas às charges do *Charlie Hebdo*: se, por um lado, elas se inserem em uma narrativa de resistência laica e crítica ao poder, por outro, podem ser percebidas como expressões de um etnocentrismo que desconsidera a assimetria de poder entre majorias e minorias religiosas em contextos pós-coloniais.

As charges do *Charlie Hebdo* utilizam esses recursos para construir uma crítica contundente, frequentemente provocando desconforto. Ao utilizar exageros visuais, referências implícitas e ironia, os cartunistas expõem hipocrisias e violências estruturais. Contudo, a eficácia do humor depende do conhecimento prévio do público sobre o contexto retratado, o que reforça a importância da análise documental considerando o tempo e o espaço de produção da imagem.

No caso do *Charlie Hebdo*, o uso da sátira visual em temas como religião, terrorismo, imigração e política internacional insere suas charges no centro de debates sobre ética e liberdade de expressão (Melo, 2016). Para compreender sua atuação e os impactos dessas representações, é necessário tratar o jornal como

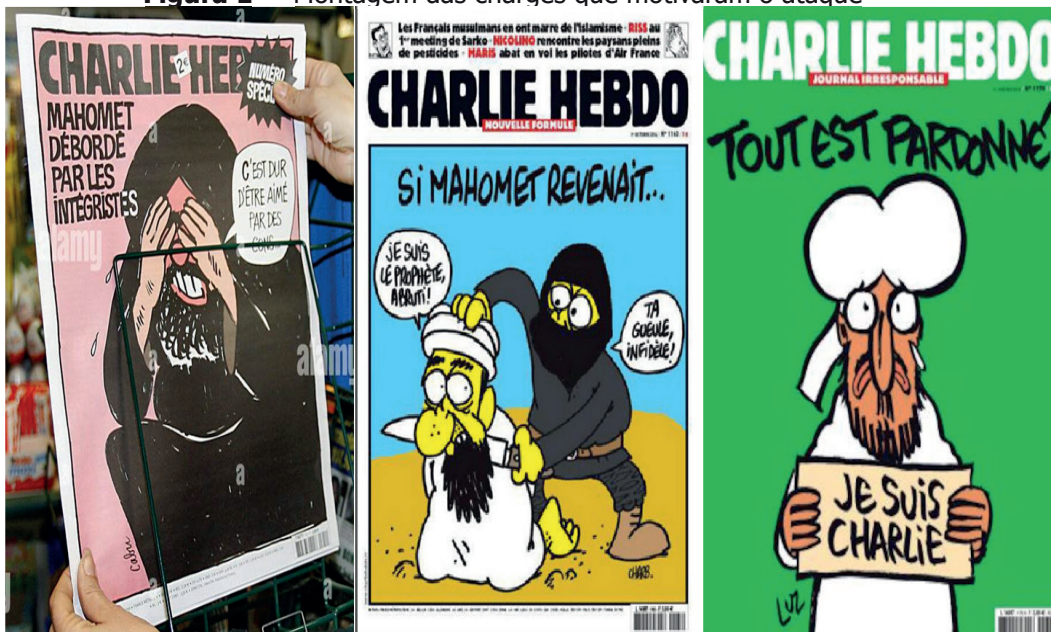
fonte periódica e situá-lo historicamente.

Conforme discutido, a linha editorial do *Charlie Hebdo*, marcada por irreverência e confrontação de dogmas, culminou na publicação de diversas caricaturas de Maomé. Essas imagens estiveram no centro das críticas religiosas e foram utilizadas como justificativa para o atentado terrorista de 7 de janeiro de 2015, evento que será abordado na próxima seção.

AS CHARGES QUE MOTIVARAM O ATENTADO DE 2015

Entre as publicações mais controversas do *Charlie Hebdo* estão as caricaturas de Maomé. Em 2006, o jornal republicou, com capa própria, imagens originalmente veiculadas pelo periódico dinamarquês *Jyllands-Posten*. Uma das mais conhecidas mostra o profeta com uma bomba no turbante, provocando forte reação em diversos países de maioria muçulmana.

Figura 1 — Montagem das charges que motivaram o ataque



Fonte: Reprodução *Charlie Hebdo*

Em 2011, ao anunciar a edição especial "*Charia Hebdo*", o jornal estampou Maomé como editor-chefe, gerando novos protestos e o incêndio da redação. No ano seguinte, em 2012, o periódico publicou uma série de caricaturas do profeta sem vestimentas, intensificando ainda mais a controvérsia.

Essas imagens foram consideradas ofensivas por grupos islâmicos radicais, que passaram a ver o *Charlie Hebdo* como inimigo do Islamismo. O atentado

de janeiro de 2015 é interpretado como resposta direta a essa linha editorial. Paradoxalmente, a capa da edição posterior ao ataque mostrou novamente Maomé, desta vez segurando um cartaz "*Je suis Charlie*", com a legenda "*Tout est pardonné*" ("*Está tudo perdoado*"), reafirmando o espírito provocador e resistente do jornal.

Tais charges estão no centro do debate sobre os limites da liberdade de expressão. Para os cartunistas do *Charlie Hebdo*, nenhuma crença deve estar isenta de crítica. Para muitos pesquisadores, porém, a reiterada publicação de imagens sabidamente ofensivas revela insensibilidade cultural e irresponsabilidade ética. Esse impasse evidencia a complexidade do humor gráfico em contextos multiculturais e a tensão entre crítica laica e respeito religioso.

O ATAQUE AO CHARLIE HEBDO E A RESPOSTA EDITORIAL

Na primeira edição publicada após o atentado (nº 1178, de 14 de janeiro de 2015), o *Charlie Hebdo* reafirmou sua linha editorial em um texto comovente. Escrito por Laurent Léger, o editorial deixou claro que o ataque não os calaria: "*O que nos atingiu não foi o Islã, mas os extremistas.*" O texto reforça que o jornal não renunciaria à liberdade de criticar ideologias, dogmas ou religiões, defendendo que o humor é uma forma de resistência democrática.

A edição circulou com três milhões de cópias e foi traduzida para diversos idiomas. A capa trazia Maomé segurando o cartaz "*Je suis Charlie*", símbolo da solidariedade mundial, sob a legenda "*Tout est pardonné*", em uma tentativa ambígua de conciliação e continuidade provocadora. O editorial posiciona a charge não como insulto gratuito, mas como parte de um combate simbólico pelo direito à crítica e à irreverência.

O conteúdo editorial do *Charlie Hebdo* não se limita às charges provocativas que tornaram o jornal internacionalmente conhecido. Embora o humor gráfico seja sua marca registrada, a publicação também abriga colunas de opinião, reportagens, editoriais e artigos que refletem uma postura política clara: a defesa do laicismo, da crítica irrestrita a todas as religiões e ideologias, e a recusa em submeter o discurso jornalístico à lógica do "politicamente correto".

Essa linha editorial é frequentemente conduzida por um grupo fixo de jornalistas e cartunistas que compartilham um *ethos* comum: o de uma esquerda

libertária, anticlerical, antimilitarista e profundamente irônica.

Os editoriais da publicação costumam assumir uma voz combativa, assumidamente parcial e provocadora. O *Charlie Hebdo* rejeita o modelo de “objetividade jornalística” tradicional, preferindo a subjetividade como estratégia discursiva para provocar o debate público.

Em suas edições semanais, é comum encontrar textos que criticam não apenas religiões e partidos políticos, mas também setores da imprensa, ONGs e movimentos sociais, denunciando o que consideram formas veladas de autoritarismo, oportunismo ou censura ideológica. O estilo dos textos editoriais é direto, mordaz e repleto de referências culturais francesas, o que reforça sua identidade como um produto profundamente enraizado no contexto político e social da França.

Essa abordagem editorial faz do *Charlie Hebdo* um espaço de disputa simbólica. Ao adotar uma retórica deliberadamente polêmica, o jornal se posiciona como defensor da liberdade de expressão em sua forma mais radical. No entanto, isso o coloca frequentemente no centro de controvérsias, acusado de ultrapassar os limites do respeito às minorias ou de alimentar discursos intolerantes sob a justificativa da crítica.

Essa ambivalência é assumida pelos próprios editores, que consideram a função do periódico não apenas informar, mas perturbar e interpelar. Portanto, compreender o *Charlie Hebdo* requer ir além das imagens que circulam nas redes sociais digitais e mergulhar em sua lógica editorial, que articula humor, confronto e engajamento político como formas de intervenção pública.

METODOLOGIA

Este artigo adota abordagem qualitativa, com base em análise documental e revisão bibliográfica. A análise documental, conforme Gil (2010) e Cellard (2008), consiste no exame sistemático de documentos com o objetivo de extrair informações relevantes ao objeto de estudo. No campo da Comunicação, isso inclui jornais, revistas e mídias digitais, considerando-os não apenas como suporte, mas como construtores de discurso.

Os documentos selecionados são exemplares do semanário *Charlie Hebdo*, publicados entre 2015 e 2025, com especial atenção às edições que contêm

charges de forte repercussão pública. A seleção incluiu charges sobre política interna francesa, imigração, conflitos internacionais e edições especiais, como a que marca os 10 anos do atentado de 2015.

Além disso, a revisão bibliográfica fundamenta-se em autores que discutem o papel da sátira e do humor na Comunicação Social, os limites éticos da liberdade de expressão e a relação entre mídia, cultura e poder. Referências específicas sobre o uso da mídia periódica como fonte de pesquisa jornalística e histórica também foram incorporadas, conforme orientações metodológicas de Cellard (2008).

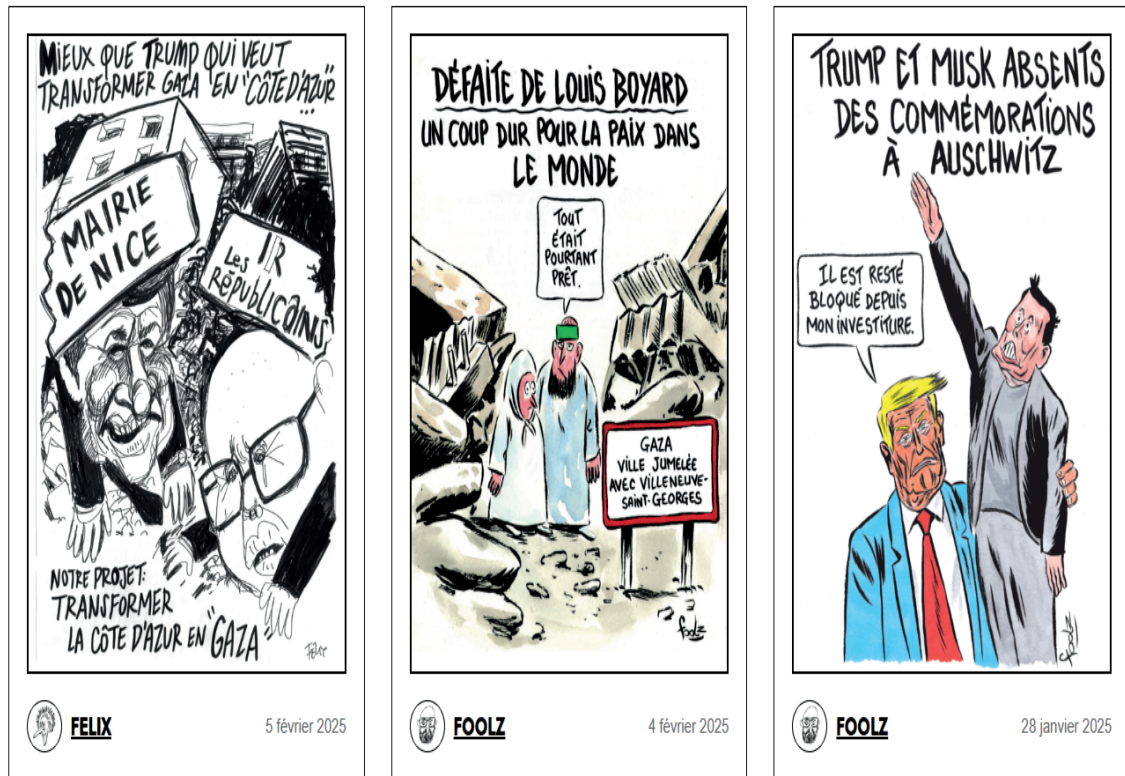
A análise das charges leva em conta seu conteúdo visual e verbal, o contexto de publicação, os personagens representados e os sentidos sugeridos. Para isso, foram utilizadas categorias analíticas relacionadas ao discurso, à ironia, à crítica social e ao enquadramento simbólico da imagem (Silva, 2016).

ANÁLISE DAS CHARGES DO *CHARLIE HEBDO* (2015-2025)

A análise a seguir examina um conjunto de charges publicadas pelo *Charlie Hebdo* entre 2015 e 2025, com foco em três eixos temáticos recorrentes: a crítica à política interna francesa, a resposta editorial ao atentado de 2015 e a sátira de questões internacionais.

Por meio da ironia, do exagero gráfico e da apropriação de contextos geopolíticos, o jornal constrói narrativas visuais que tensionam os limites entre a crítica legítima e a provocação deliberada. A primeira montagem analisada (Figura 2) ilustra como a publicação utiliza o conflito israelo-palestino como espelho para refletir e denunciar problemas sociais e políticos na França.

Figura 2 — Montagem de charges sobre Gaza e política francesa



Fonte: Reprodução *Charlie Hebdo*. Disponível em: <https://charliehebdo.fr/themes/politique/>. Acesso em: 20 fev. 2025

As charges selecionadas para esta análise foram publicadas pelo *Charlie Hebdo* em meio à intensificação do conflito Israel-Palestina. Ambas utilizam a devastação de Gaza como metáfora crítica ao contexto político francês.

A primeira charge (à esquerda) retrata a *Côte d'Azur* em ruínas, com prédios destruídos e cartazes da prefeitura de Nice e do partido *Les Républicains*. A ironia reside na inversão de uma proposta real do presidente americano Donald Trump, que sugeriu transformar Gaza em uma nova "*Côte d'Azur*". Aqui, os políticos franceses parecem desejar o oposto: transformar a Riviera Francesa em uma zona de guerra. Entre os caricaturados, nota-se figuras como Éric Ciotti, enfatizando a crítica à guinada securitária e xenófoba das políticas locais.

A segunda charge (à direita) também utiliza o cenário da destruição, com uma placa informando que "*Gaza é cidade-irmã de Villeneuve-Saint-Georges*", um subúrbio parisiense conhecido por sua precarização urbana. O título refere-se à derrota de Louis Boyard, jovem deputado do *La France Insoumise*, que simboliza uma esquerda antissistema. A fala irônica sugere que sua derrota inviabilizou qualquer perspectiva de paz, escancarando o ceticismo diante do discurso

político convencional.

Ambas as imagens usam a guerra como alegoria para criticar o abandono das periferias francesas, a hipocrisia política e o oportunismo eleitoral. A analogia com Gaza opera como choque visual e discursivo: uma denúncia do empobrecimento urbano e da violência simbólica nos centros metropolitanos europeus.

Figura 3 — Capa comemorativa de 10 anos do atentado



Fonte: Reprodução *Charlie Hebdo*

A capa da edição especial de 7 de janeiro de 2025 estampa a palavra “INCREVABLE!” (“Inquebrável!”) e mostra uma figura caricatural sentada sobre um fuzil AK-47, sorrindo enquanto segura a própria revista. A referência direta ao atentado de 2015 é reforçada pelas datas “2015-2025” ao pé da imagem.

O fuzil, símbolo do terrorismo jihadista, é ressignificado como base literal da resistência editorial. A figura sorridente representa o próprio espírito do *Charlie Hebdo*, zombeteiro, provocador e resistente. O uso de amarelo vivo e traços simples remete ao estilo tradicional do jornal.

À direita, uma caixa de texto informa que 76% dos franceses apoiam a liberdade dos cartunistas (Sondage IFOP). A metalinguagem da imagem dentro

da imagem, com o personagem segurando a própria edição, reforça a ideia de autorreferência e continuidade; mesmo sob ameaça, o jornal sobrevive e reafirma seu papel provocador.

Essa imagem articula ironia e desafio, condensando a postura editorial do periódico após uma década de polarização em torno da liberdade de expressão e seus limites.

Figura 4 — Charges internacionais (março de 2025)



Fonte: Reprodução *Charlie Hebdo*. Disponível em: <https://charliehebdo.fr/themes/international/>. Acesso em: 11 mar. 2025

A montagem acima reúne três charges publicadas em março de 2025 na seção internacional do periódico.

Na Charge 1: “Groenlandeses que querem ser americanos”: um homem ártico constrói um iglu com a frase “*não há nada melhor que um obeso para construir um iglu*”. Trata-se de uma crítica ao imperialismo cultural dos EUA, lembrando a proposta de Trump de comprar a Groenlândia. A figura do obeso remete ao estereótipo americano e à crítica ao consumismo e à colonização simbólica.

Na Charge 2: “Trump agradece à Kremlin Production”: Donald Trump aparece recebendo um prêmio César pelo “*pior roteiro da Terceira Guerra Mundial*”, ironizando sua proximidade com a Rússia e sua retórica belicista. A imagem subverte a celebração artística e denuncia a espetacularização da política externa e das alianças obscuras.

Na Charge 3: “Abandono de cães em progressão”: a imagem mostra um veículo abandonando dois indivíduos amarrados no acostamento de uma estrada.

Um deles é claramente um homem barbudo. O título, que sugere um aumento no abandono de cães, é contrastado visualmente pela presença de humanos tratados como animais descartáveis. A analogia propõe uma crítica social à desumanização de populações vulneráveis, possivelmente imigrantes ou sem-teto, retratadas como descartáveis por políticas públicas ou pela sociedade. A charge provoca desconforto ao equiparar a negligência com animais à negligência institucional com seres humanos.

A charge que equipara o abandono de seres humanos ao de animais (Figura 4) pode ser lida à luz da perspectiva de Eagleton (2019) sobre a política do humor. Ao provocar desconforto através da comparação chocante, o cartunista não apenas denuncia uma mazela social, mas também escolhe quem será o alvo da ironia e qual dor será tornada espetáculo. Essa escolha, como lembra Serna (2015), nunca é ingênua: ela reflete e reforça posições no campo de batalha simbólico que é a esfera pública.

Esse tipo de leitura exige cuidado com o contexto sociopolítico francês recente, que envolve: crises migratórias (2023-2024), políticas de remoção de acampamentos de imigrantes em Paris e crescente discurso público de desumanização de grupos marginalizados. Essas charges usam ironia, exagero e violência gráfica para denunciar a banalização da barbárie, a hipocrisia dos discursos humanitários e o cinismo das lideranças políticas globais (Morales, 2017).

Bergson, em sua obra *O Riso: Ensaio sobre a Significação do Cômico* (1993), argumenta que o riso surge quando há uma mecanicidade no humano, ou seja, quando uma ação se torna repetitiva ou automática e perde a espontaneidade da vida. Além disso, ele destaca que o riso é social. O humor ocorre em um contexto coletivo e funciona como uma forma de correção social, expondo comportamentos que fogem da norma ou são considerados ridículos.

As charges analisadas no artigo, muitas vezes, ridicularizam figuras políticas e situações sociais para expor hipocrisias ou incoerências. Por exemplo, a charge sobre Donald Trump recebendo um "*César do pior roteiro para a Terceira Guerra Mundial*" (Figura 4) utiliza a sátira para ironizar sua relação com conflitos internacionais. Isso se alinha à ideia bergsoniana de que o riso é um mecanismo de crítica social.

Além disso, a comicidade exige distância emocional. Para o riso ocorrer, o público precisa estar emocionalmente distanciado do objeto da piada. O jornal

frequentemente explora temas sensíveis, como guerras e crises sociais, mas trata essas situações com humor ácido. Isso pode causar indignação entre aqueles que sentem proximidade emocional com os temas abordados. A rejeição de algumas comunidades às charges pode ser explicada pela ausência dessa “distância emocional” necessária para que o riso ocorra.

Propp, em *Comicidade e Riso* (1992), categoriza diferentes tipos de humor e destaca o riso sarcástico como um dos mais recorrentes na sociedade. Esse tipo de riso é baseado na ridicularização e na crítica social. Propp explica que a sátira, principalmente a política, recorre ao sarcasmo para enfatizar falhas e contradições no poder.

As charges analisadas no artigo fazem uso do sarcasmo para criticar líderes políticos e situações sociais. A charge que faz uma analogia entre Gaza e a cidade francesa de Villeneuve-Saint-Georges (Figura 1), por exemplo, usa o exagero para enfatizar a ideia de que certas políticas locais estão transformando cidades francesas em zonas de conflito.

Segundo Propp (1992), o riso pode ser uma forma de expor desigualdades e revelar verdades ocultas. Muitas charges não apenas fazem rir, mas provocam desconforto ao revelar aspectos controversos da sociedade. A charge sobre o abandono de crianças, comparando-o ao abandono de cães, exemplifica essa abordagem ao usar uma metáfora provocativa para denunciar descasos sociais.

Isso dito, os conceitos de Bergson (1993) e Propp (1992) ajudam a compreender a força crítica do *Charlie Hebdo*. Enquanto Bergson explica por que o riso pode ser uma ferramenta de correção social e por que certas piadas são mais polêmicas dependendo da proximidade emocional do público, Propp mostra como o sarcasmo e a ironia são utilizados para questionar estruturas de poder. Assim, as charges do jornal não são apenas cômicas, mas também ferramentas de reflexão política e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, a análise realizada, enriquecida por perspectivas históricas como a de Serna (2015) e teórico-políticas como a de Eagleton (2019), confirma que o humor do *Charlie Hebdo* é intrinsecamente político. Mais do que um simples exercício de crítica, suas charges atuam como gestos de demarcação de

fronteiras simbólicas em uma sociedade francesa profundamente marcada por debates sobre laicidade, identidade nacional e integração. O riso que provocam, seja emancipatório, seja excludente, é, portanto, um sintoma das feridas abertas no tecido social contemporâneo.

A análise das charges do *Charlie Hebdo*, publicadas entre 2015 e 2025, revela a persistência de uma linguagem satírica que provoca, desafia e, por vezes, fere. Através do uso da ironia, do sarcasmo e da transgressão simbólica, o jornal francês tensiona os limites da liberdade de expressão em contextos democráticos e pluriculturais (Udupa, 2023). A recorrência de temas como religião, imigração, conflitos geopolíticos e política interna francesa mostra que o *Charlie Hebdo* atua como um espelho distorcido da sociedade: devolve à esfera pública as suas contradições e hipocrisias, amplificadas pelo traço gráfico.

A pesquisa demonstrou que, embora o humor gráfico seja um recurso legítimo de crítica, ele também carrega responsabilidades. O atentado de 2015 não apenas marcou tragicamente a história do jornal, mas também acentuou os dilemas éticos da comunicação satírica. As charges analisadas mostram que o riso nem sempre é libertador; muitas vezes, ele é incômodo, divisivo ou até mesmo excludente (Oliveira; Almeida, 2006).

Dessa forma, compreender o *Charlie Hebdo* requer um olhar crítico, atento às condições históricas de produção de suas charges, à intencionalidade do humor e às reações que ele provoca. O estudo reforça a importância de se refletir sobre o papel da mídia na construção de discursos sociais e sobre os limites do humor como forma de intervenção pública.

Em síntese, o artigo contribui para o debate sobre liberdade de expressão e diversidade cultural, propondo uma leitura contextualizada das charges como dispositivos discursivos. Ao mesmo tempo em que defende a importância do riso como ferramenta de crítica, reconhece os riscos de sua instrumentalização em contextos de tensão política e desigualdade simbólica.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre o significado do cômico. 2. ed. Lisboa: Guimarães, 1993.
- CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. (org.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORREIO, Fabio Mourilhe. **Charlie Hebdo, secularização e escatologia**. *História, Histórias*, v. 4, n. 7, p. 87, 2016.
- DE FRU, Christophe. **Uma leitura de Charlie Hebdo (edição 1178)**: a charge como resposta ao atentado. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Francesa) – UFPB.
- DÍAZ HERNÁNDEZ, Marianne. **Telecommunications and Internet Access Sector**: Latin America. *Direitos Digitais*, 2016.
- EAGLETON, Terry. **Humour**. New Haven and London: Yale University Press, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.
- LORDES, Antonio Wallace. **Pathos, ethos e logos em charges de Charlie Hebdo**. 2019. Tese (Doutorado) – UFMG.
- MELO, Thiago Ramos. **Enfrentamentos e tensões**: uma análise de discursos de charges sobre o atentado ao Charlie Hebdo. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UFPI.
- MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. Trad. Pedro Madeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- MILTON, John. **Areopagítica**: discurso pela liberdade de imprensa ao Parlamento da Inglaterra. Org. Felipe Fortuna. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- MORALES, Pierre. **Charlie Hebdo**: polémica, religião e o interesse dos usuários de Internet franceses. *Communication & Publics*, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/1193>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- OLIVEIRA, Neide A. A. de; ALMEIDA, Lara M. **Gêneros jornalísticos opinativos de humor**: caricaturas e charges. *Janus*, v. 3, 2006.
- PARNAIBA, Cristiane S.; GOBBI, Maria C. **Charge jornalística**: definição, histórico e funções. XII Congresso de Historia de la Comunicación, 2014.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini; Homero F. Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- SERNA, Pierre (dir.). **La politique du rire**. Satires, caricatures et blasphèmes XVIe-XXIe siècles. Ceyzérieu: Champ Vallon, 2015.
- SILVA, Camille Lenz da. **Charlie Hebdo**: análise da cobertura do atentado em 2015 pelos jornais Folha de São Paulo, BBC e Deutsche Welle. 2016. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Univates.
- UDUPA, Sahana; DATTATREYAN, E. G. (org.). **Digital Unsettling**: Decoloniality and Dispossession in the Age of Social Media. New York: NYU Press, 2023.